

---

## REVISITANDO REGISTROS BATISMAIS DA CAPELA DE ALEGRETE, 1821-1834: AS IDADES DOS BATIZANDOS E SUA RELAÇÃO COM AS PRÁTICAS CATÓLICAS

### FACING THE CHAPEL RECORDS BAPTISMAL ALEGRETE, 1821- 1834: AGES OF BATIZANDOS AND ITS RELATIONSHIP WITH THE CATHOLIC PRACTICES

---

Karina de Souza Righi  
Graduanda UFSM  
karina.srighi@hotmail.com

Taís Giacomini Tomazi  
Graduanda UFSM  
gttais@hotmail.com

**RESUMO:** Na primeira metade do século XIX, os luso-brasileiros conquistaram áreas do antigo território missionário, do lado oriental do Rio Uruguai. Nesse espaço, ao sul do rio Ibicuí, localizavam-se férteis pastagens naturais que haviam sido palco das estâncias dos Povos das Missões. Naquela região, instalou-se a capela de Alegrete, abrangendo uma vasta área. Através dos registros de batismo, podemos realizar uma série de estudos, tanto referentes ao aspecto demográfico, investigando a presença e variações de pessoas de diferentes condições jurídicas, origens geográficas e enquadramentos étnicos. Também é possível estudar relações pessoais e familiares através do casamento e do compadrio. Porém, isso tudo implica em uma análise, anterior, sobre a efetividade do batismo e as condições em que eles se davam. O que se propõe neste trabalho é a exposição dos resultados de alguns desses procedimentos. Investigamos as idades dos batizados, procurando descobrir se eram levados à pia batismal logo após o nascimento ou em idades mais avançadas e a partir destes resultados propor algumas hipóteses a respeito do tripé Batismo-Mundo espiritual – Inserção Social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Idade. Registros de batismos. Brasil Meridional.

**ABSTRACT:** In the first half of the nineteenth century, the *Luso-Brazilians* conquered areas of the old missionary territory, on the eastern side of the Uruguay River. In this area, south of the *Ibicuí* river, fertile grasslands were located and had been the background for the *estâncias* of the People of the Missions. In that region, the chapel of Alegrete was settled, covering a wide area. Through the baptismal records, we conduct a series of studies, both related to the demographic aspect, investigating the presence and variations of people of different legal conditions, geographic origins and ethnic frameworks. You can also consider personal and family relationships through marriage and patronage. However, all of this implies an earlier analysis on the efficacy of baptism and the conditions in which they have been performed. What is proposed in this paper is to present the results of some of these procedures. We have investigated the age of the baptized, seeking to discover if they were taken to the Baptismal font right after being born or at more advanced ages and starting from these results, proposing some hypothesis about the tripod act of christening - insertion in the spiritual world - insertion in the social world.

**KEYWORDS:** Age. Records of baptisms. Southern Brazil.

## Introdução

A elaboração deste trabalho se dá em um contexto mais amplo, o qual está ligado a diversas pesquisas que se encontram sob orientação do professor Dr. Luis Augusto Ebling Farinatti, coordenador do projeto intitulado *Hierarquia social, trabalho e família na fronteira meridional do Brasil (século XIX)*, projeto este que se iniciou em 2009 e que desde então vem avançando nas investigações acerca das temáticas propostas. O projeto está vinculado e se desenvolve na Universidade Federal de Santa Maria, na qual o coordenador é professor adjunto. No presente momento, fazemos parte do referido projeto através do voluntariado.

A partir das diversas possibilidades que o uso de fontes eclesiásticas nos apresenta, procuramos no decorrer deste texto analisar estas fontes - neste caso fazemos uso de registros de batismos do século XIX, realizados na capela de Alegrete - a fim de buscar compreender as possibilidades de trabalho com as mesmas levando em consideração o contexto em que estavam inseridas. Além disso, e como nosso principal propósito, procuramos abranger as idades em que as crianças eram batizadas com o objetivo de identificá-las conjuntamente entre os anos de 1821 a 1834, estabelecendo recortes de *até 3 meses de idade, de 4 à 6 meses, 7 à 12 meses, e idades mais avançadas*. Tudo este trabalho é feito no intuito de desvelar se afinal, mesmo inseridos em um contexto fronteiriço, de constantes conflitos e dificuldade de locomoção se comparado à realidade de centros urbanos, estes indivíduos eram batizados cedo ou tardiamente, e qual a relação disto com suas práticas religiosas e com as relações sociais que os mesmo estabeleciam.

Este trabalho se inicia com *A Capela de Alegrete*, a qual trata do contexto de instalação da Capela de Nossa Senhora Aparecida do Alegrete, procurando demonstrar sua jurisdição aproximada, a dela importância para a manutenção dos poderes territoriais luso brasileiros e para a manutenção das relações sociais e espirituais daquelas populações que ali residiam e iam se instalando. No segundo ponto do texto, subtítulo denominado *O ato de batizar*, temos uma breve revisão bibliográfica de historiadores que utilizam estas fontes para elaboração de seus trabalhos, como Martha Daisson Hameister, Luís Augusto Ebling Farinatti, Paula Roberta Chagas e Sergio Odilon Nadalin, entre outros autores, os quais não

necessariamente trabalham com as idades batizados, como é nosso caso, mas que contribuem conosco teórico e metodologicamente na medida em oferecem parâmetros para análises de registros batismais e fontes eclesiásticas no geral.

*As fontes e o processo metodológico* demonstram os passos realizados para obtenção dos dados, a articulação com referenciais bibliográficos e nossas hipóteses, a fim de validá-las ou não e os objetivos alcançados durante a construção do mesmo. Por fim, alguns elementos assinalados nas *Considerações Finais* finalizam nossa proposta e sinalizam outras alternativas e propostas para a continuidade desta pesquisa.

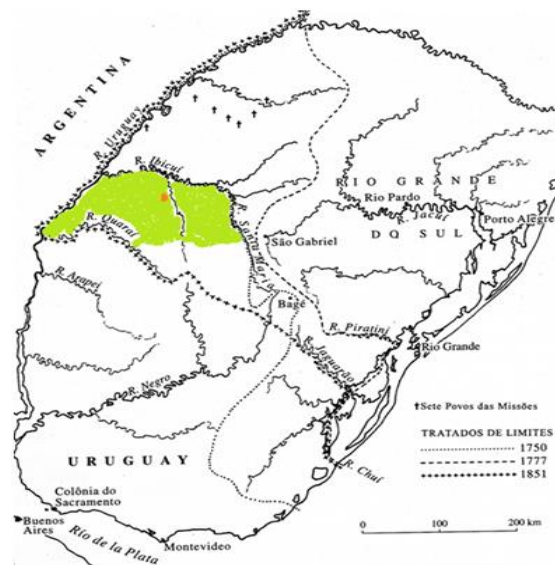
## A Capela de Alegrete

A metade final do século XVIII foi o período em que os lusos brasileiros deram início a um processo de ampliação de suas ações para a conquista e a manutenção de territórios mais ao sul de suas possessões coloniais, as quais, nesse período, se estendiam até o povoado de Laguna, na ilha de Santa Catarina. Porém, foi na primeira metade do século XIX em que conflitos internos e externos ao Império Brasileiro marcam a conquista efetiva da referida região, mais especificamente, do antigo território missionário, no lado oriental do rio Uruguai, como se pode observar no mapa 1. Esse mapa também identifica o que podemos apreender como a jurisdição da Capela de Nossa Senhora Aparecida do Alegrete, bem como a extensão estimada do território do qual estamos tratando. Além da produção de gêneros alimentícios e principalmente a criação de gado, os luso-brasileiros instalaram postos e capelas a fim de se estabelecer e atender religiosamente a população que ali já estava e aquelas que ali iam chegando.

A criação e fundação da capela de Alegrete está imersa nesse contexto de expansão de territorial e de conflitos pela posse dos mesmos. A primeira datação da fundação da capela é de 1814. A capela esteve em atividade durante três anos, até 1816, quando em um dos muitos embates entre a coroa Portuguesa e o recente governo do Rio da Prata, ela foi saqueada e incendiada pelas forças comandadas pelo general José de Artigas. O povoado recém fundado aos arredores da capela que fora destruída teve de deslocar-se e adaptar-se a nova conjuntura e, no mesmo ano de 1816, ela é reinaugurada com o nome de Capela de Nossa Senhora Aparecida do Alegrete. O povoado, aos poucos, vai crescendo e se estabelecendo enquanto

tal, ao mesmo tempo em que ganha importância ao se configurar como ponto fronteiro estratégico para os interesses portugueses. Nesse sentido, a capela, em 1819, é elevada a categoria de curato e segue crescendo juntamente com a população que fora se estabelecendo nos seus arredores.

Para compreendermos a importância da Capela de Alegrete e a complexidade social que envolve o fato de se ter oficialmente o suporte religioso para a população bem como a presença da Igreja Católica nos domínios do governo, podemos atentar para o texto de Matheus (2013) denominado “*Dilatadas Paróquias*”: *senhores e escravos na formação da sociedade luso-brasileira (fronteira sul de São Pedro do Rio Grande, início do século XIX)* no qual o autor relata que o estabelecimento das capelas servia também como um mecanismo de reconhecimento da autoridade colonial e, mais tarde, imperial a respeito da sua representatividade naquele território, migração populacional e a ideia de uma sociedade temente a Igreja e que necessitava da atenção de um pároco para proferir missas, batizar e casar a população, de modo que a mesma pudesse viver sob os desígnios de Deus.



**Mapa 1: Capela de Alegrete, jurisdição aproximada (1817-1845)**

Mapa adaptado de Bell, 1998.

## O ato de batizar

As relações estabelecidas pelos laços de compadrio podem ser investigadas a partir de diferentes enfoques, todos eles ricos no que concerne à pesquisa histórica e ao avanço proporcionado por ela no desvendamento das sociedades, de suas práticas, usos e costumes. Esses enfoques podem ser investigados principalmente a partir de uma perspectiva social, mas também cultural, e se desdobram quando nos possibilitam pesquisas acerca da efetividade religiosa, seja ela em relação ao ato em si, seja em relação à ligação entre os indivíduos e a instituição religiosa, neste caso investigado, a Igreja Católica. Como nos confirma Lott (2008):

Os assentos de batismos, casamentos e óbitos nos permitem ricas pesquisas no campo social e demográfico, possibilitando análises não somente sobre movimentos da população, mas também sobre a formação familiar e aspectos culturais de determinada localidade e época.

A importância dos registros de batismos para a pesquisa histórica se faz evidente também quando atentamos ao grande número, que também é sempre crescente, de pesquisas que os utilizam para a construção de importantes e esclarecedores trabalhos acerca das sociedades, não só no caso do Brasil, mas também de todo o universo ibero-americano colonial e pós-colonial. Assim como os registros de batismos, outros registros eclesiásticos são utilizados nessa empreitada, tais como os registros de casamento e os registros óbito, entre outros. O emprego de registros de batismos vem trazendo contribuições para o estudo das relações sociais, das características culturais e das alianças políticas que se estabeleciam, isso tudo devido a sua evidente importância para a sociedade da época, a qual mantinha relações estreitas com as práticas e os ritos da Igreja Católica. Como consta nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, para termos uma dimensão: “o batismo é o primeiro de todos os Sacramentos e porta por onde se entra na Igreja Católica” (Da Vide, 1707, Livro I, Título X, § 33).

Estes fatos demonstram a importância deste tipo de fonte e as próprias pesquisas historiográficas vêm a evidenciar a concretude desta ideia. Muitos são os vieses da pesquisa historiográfica com registros batismais. Diversos trabalhos estão ligados à demografia, como podemos citar Chagas e Nadalin (2008), que ao trabalhar com as idades dos batizados para Curitiba, nos séculos XVIII e XIX, demonstraram que esse tipo de análise pode trazer resultados importantes e respostas sobre a sociedade investigada.

Martha Daisson Hameister, em sua tese de Doutorado intitulada *Para dar Calor à Nova Povoação: estratégias sociais e familiares na formação da Vila do Rio Grande através dos Registros Batismais (1738-1763)*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, defendida e concluída no ano de 2006, nos dá uma amostra consistente sobre como os estudos sob um viés social a partir dos registros batismais pode esclarecer o entendimento acerca das práticas das sociedades, seus modos de organização e suas estratégias dentro de cada contexto histórico, evidenciando como os mesmos constroem o universo social, cultural e também político de uma região específica. No caso de Martha, a pesquisadora fez uso dos registros de batismo da Vila do Rio Grande para a construção de seu trabalho, registros estes datados do século XVIII, o qual constitui o contexto temporal do mesmo.

É possível também trabalhar com uma história que enfoca e procura compreender as hierarquias sociais que constituem a sociedade, visto que a mesma é baseada em diferenças construídas socialmente e que acabam por serem naturalizadas enquanto tais, ou também investigando a mobilidade social dos sujeitos históricos em seus contextos. Além das hierarquias sociais e mobilidade social, a variação da condição jurídica dos sujeitos e a prática da escravidão também podem constituir elementos de análise. Nesse sentido, temos as pesquisas desenvolvidas por Luís Augusto Farinatti, que fazem uso dos registros paróquias da Capela de Alegrete, durante boa parte século XIX, mais especificamente, entre 1811 a 1880, em seu trabalho *A espada e a capela: relações de compadrio dos oficiais de milícia na fronteira meridional do Brasil (1816-1835)*, no qual analisa estas mesmas fontes, mas com intenções e objetivos diferenciados dos nossos.

Podemos citar ainda outros diversos trabalhos utilizando este tipo de fonte, como o trabalho de Max Roberto Pereira Ribeiro (2013). Em sua dissertação de mestrado, Max trabalha com a questão indígena, a contextualização dentro e fora do território missionário, no

período compreendido entre os anos de 1801 até 1834, utilizando os registros batismais da Capela de Santa Maria (pp.77), aliados a registros militares. Tal pesquisa e os resultados por ela alcançados podem nos mostrar o grande potencial destas fontes, também quando trabalhadas juntamente com outros tipos de documentação, as quais enriquecem e aprofundam o trabalho, na medida em que agrega mais informações e dados acerca dos objetos pesquisados.

Ainda como nos demonstra Marcelo Santos Matheus (2013), a criação de capelas, além de um ato de demonstração de conhecimento das migrações e necessidades dos contingentes populacionais por parte das autoridades, ao concretizarem a instalação de uma capela, era também um ato de demonstração de as mesmas acompanhavam a transformação territorial que estava ocorrendo na fronteira ocidental do Império Português. Assim, o ato do batismo está conectado aos elementos religiosos que o regem, mas também às transformações sociais, econômicas e políticas que vinham ocorrendo ao longo da metade do século XIX. A pesquisadora Martha Daisson Hameister evidencia-nos de forma clara e com propriedade a questão recém exposta em seu texto sobre os limites e possibilidades da utilização dos registros de batismos, e ainda possibilita uma análise destes elementos mais completa já que podemos apreender o ato de batizar como um ato que ultrapassava limites, interligando o mundo espiritual, tão desejado e necessário, e o mundo material, das relações sociais e as redes construídas a partir dele, que deveriam ser preservadas e cuidadas para toda vida dos indivíduos, e que

As alianças e relações tecidas na pia batismal acabam por dar mostras de um quase inacreditável mundo, no qual, por exemplo, indígenas de etnias distintas e, com frequência, inimigas, elegiam padrinhos para seus filhos e cônjuges para “todo o sempre” (HAMEISTER, p. 187, 2006).

Estes textos tornam possível a visualização de um processo histórico maior e mais complexo que para a análise das fontes se torna necessário conhecer para que se compreenda a historicidade das mesmas, e que elas “estão impregnados pelos interesses de quem os construiu, sejam esses agentes individuais ou coletivos” (Hameister, 2013, pág. 3), já que são produzidos por pessoas que fazem parte de um contexto específico e que tem sua própria ação

por sobre os documentos (não fazendo referência a documentos oficiais, mas sim todo tipo de documentação escrita) que produzem.

### **As fontes e o processo metodológico**

Como já mencionado anteriormente, as fontes utilizadas como base para construção deste trabalho foram os registros de batismos da Capela de Alegrete, entre os anos de 1821 e 1834. Os dados coletados a partir dos documentos eclesiásticos estão alocados no programa *Excel for Windows*, em 47 campos diferentes, os quais contêm as mais diversas informações e que podem ser utilizados para inúmeras pesquisas historiográficas. Na elaboração e realização deste trabalho, procuramos analisar as idades das crianças batizadas na Capela de Alegrete a fim de construir um panorama geral que pudesse ser considerado na sua totalidade. Necessário também se torna compreender o período escolhido para análise, entre 1821 e 1834.

O estabelecimento dos luso-brasileiros não foi instantâneo nem facilitado pelas antigas populações que ali viviam. Foram alguns conflitos no entremeio destes treze anos, sendo o mais extenso a Guerra Cisplatina, ocorrida entre 1827 e 1828, responsáveis pelo fechamento da capela por quase um ano, fato que fez com que decaísse consideravelmente o número de batizados neste período. Para podermos ter uma visão geral destes eventos, utilizamos como aporte metodológico de pesquisa a perspectiva da história serial, a partir da repetição de uma quantidade grande de batismos dentro de um extenso período de tempo, o que nos possibilitou ver em uma escala ampliada os resultados alcançados ao se iniciar a investigação. Foram separados por ano, condição jurídica, número, percentagem de crianças batizadas sem referência a data, até um mês e idade, um mês, dois meses, três meses seguindo assim até finalizar com as idades mais avançadas, como será possível perceber nos gráficos que estão no decorrer deste texto, isto tudo no intuito de saber em qual idade eram batizados os nascidos naquela região.

Esta proposta analítica de uma região em específico deve ser entendida ligada a uma perspectiva micro histórica, na qual se procurou estabelecer hipóteses de cunho local ligadas às fontes utilizadas, mas que de forma mais global podem estar conectadas ou não às tendências do Império Brasileiro, o que já é possível comprar com o trabalho de Chagas e Nadalin (2008) que, ao trabalhar com uma história demográfica possuem aproximações e



diferenças para com nosso trabalho, mas que podem dar uma ideia do que ocorria em outros espaços do Brasil Imperial.

Uma das diferenças mais marcantes na comparação entre os dois trabalhos é a faixa etária em que as crianças eram batizadas. Como estes mesmos autores puderam constatar, os batismos ocorriam majoritariamente até os oito dias de nascimento. Entretanto, uma grande parte ainda era batizada até o primeiro mês e ainda demonstram a diferença entre os batismos ocorridos no século XVIII e no XIX, no qual se evidencia que durante o século XIX há uma quantidade maior de batismos ocorridos após o 8º dia de vida. O que temos para Alegrete é significativamente diverso: nessa região de fronteira, a maioria dos batismos ocorre até os 12 meses de vida, havendo uma predominância até os três meses de idade nas categorias de livres e escravos, visto que os libertos eram quase ínfimos em questão de quantidades. Isso pode ser visualizado nos três gráficos a seguir (livres, escravos e libertos, respectivamente).

A hipótese que temos a partir da análise destes dados é a de que o ato do batismo era, como já suposto, um ato importante na vida social e religiosa destas pessoas, mas que haviam algumas dificuldades em fazê-lo acontecer: distâncias, guerras, doenças, perigos, fragilidade da saúde das crianças ou dos próprios responsáveis, enfim, diversos motivos que contrariamente ao que ocorria em Curitiba, no estudo de Chagas e Nadalin (2008), poderiam retardar o ato do batismo para meses seguintes. Importante ainda é destacar que até os 36 meses há um número interessante de crianças batizadas a serem consideradas em maior escala quando se trata de batismos de livres do que em outros segmentos sociais.

No gráfico 1 fica expressa esta supremacia dos primeiros meses, com uma média de 40% os batismos até os três meses de idade e o conseqüente decréscimo do número de batismos nos últimos meses. Até seis meses de idade temos uma média de 20% e até um ano de idade, mantendo esse mesmo percentual nos batismos até um ano de idade. Os sem referência (s/r) são presentes com alguma proporção (média de 6%), mas é só no ano de 1821 que ele se sobressai, com 46 batismos sem referência (s/r) à idade. Por este motivo também foi optado não incluir este dado na elaboração deste trabalho, em função do mesmo estar fora do padrão que se segue a partir de 1822. Esse expressivo dado de batismos sem referência à idade nesse período pode estar relacionado a um processo de organização da capela, já que ela havia sido criada em 1816 e ainda estava se estabelecendo no local. Da mesma forma, pode

ser devido ao padre que estava fazendo os registros na Capela de Alegrete durante esse período, o qual poderia ter como característica o não apontamento da idade do batizando.

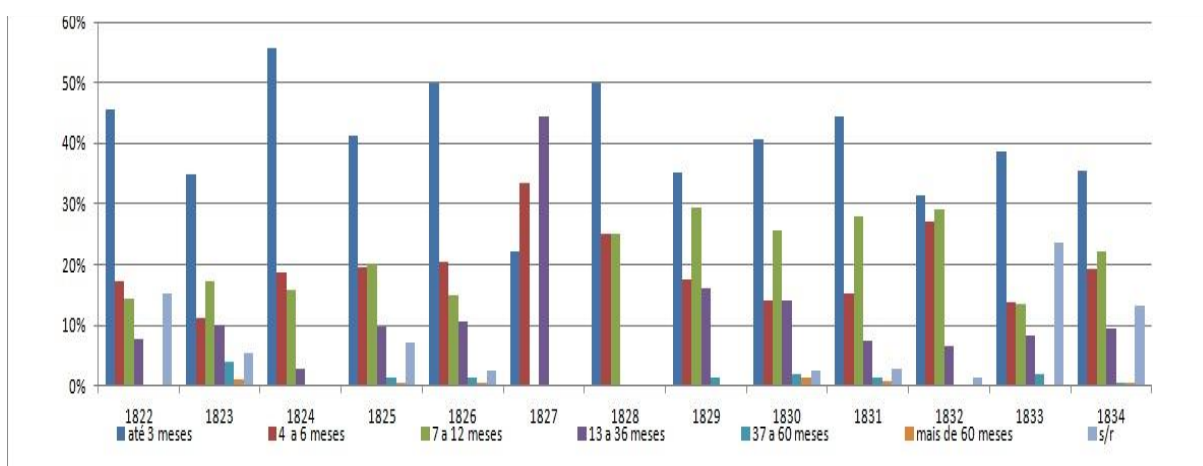


Gráfico 1: Batismo por idades – Livres

Para os escravos, os dados que estão alocados no Gráfico 2: Batismos por idade: Escravos. Há também uma predominância de batismos nos primeiros meses, com média de 38% de batismos até o 3º mês, decaindo para uma média de 10% até os seis meses de idade. Esta média sobe um pouco nos batismos até um ano de idade, ficando em 15%. Porém, estes resultados não são constantes e há uma variação significativa de ano para ano, que deve ser considerada. Mas, ainda assim eram batizados jovens e esta mudança se deve principalmente a própria condição da escravidão a que estes indivíduos estavam submetidos, sendo seu batismo mais tardio que os de livres.

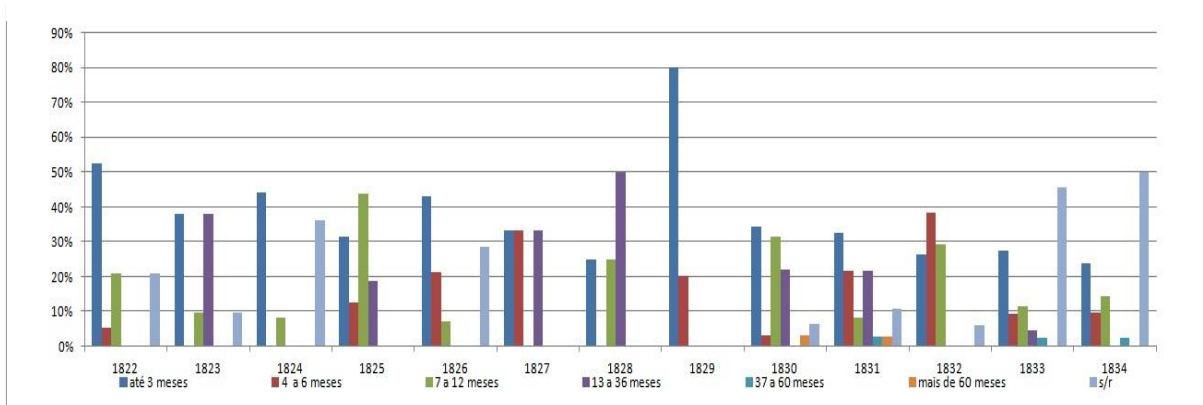


Gráfico 2: Batismo por idades – Escravos

Quando falamos de batismos de libertos temos a noção de que os números a que temos acesso são, em relação aos demais, extremamente baixos, o que pode indicar que não havia a prática de libertar escravos ou mesmo que libertar na pia batismal era uma atividade ligada a parentescos ou acordos entre as pessoas em questão. Temos a média de 1 batismo por ano, e não se torna necessário demonstrar os dados no decorrer deste texto pois eles estão relacionados à 100% para 2 batismos, ou 100% para 1 batismo no ano. Ou no caso de 1826 em que há 1 batismo em até 3 meses e outro de 7 a 12 meses e 1829, 7 a 12 meses e 37 a 60 meses. Mas mesmo em dados muitos pequenos diante do total de batismos entre 1821 e 1834, é necessário destaca-los, pois fazem parte de um contexto que ainda poder ser analisado separadamente, a partir de um olhar mais atento e individualizado.

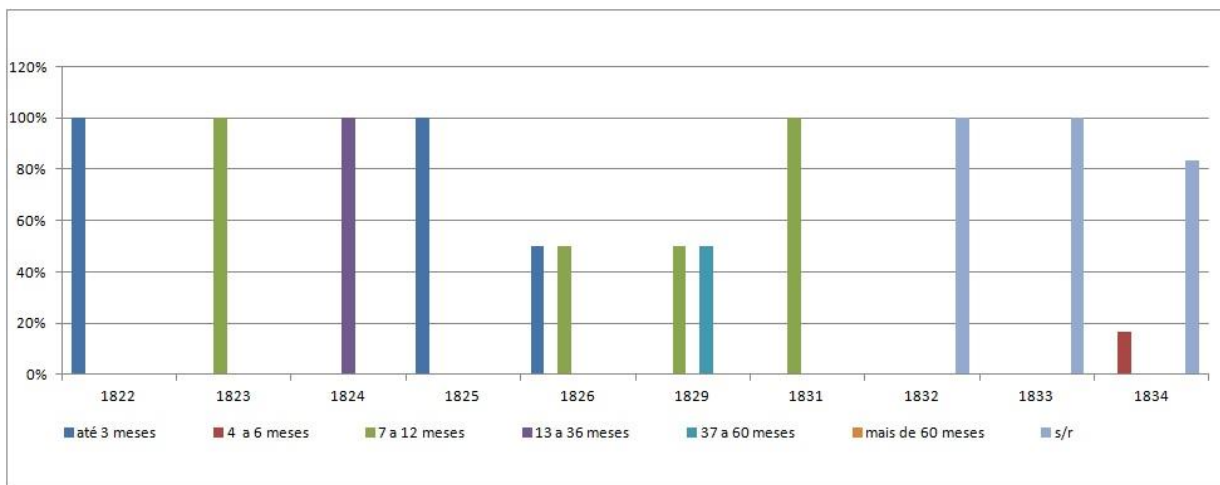


Gráfico 3: Batismos por idades – Libertos

Esta importância do ato de batizar é demonstrada por Martha Hameister em seus pertinentes trabalhos com estas fontes, e ultrapassava uma concepção única: o batismo é a purificação da alma concebida em pecado, mas também a inserção deste indivíduo na vida social, tornando-o pertencente a um conjunto de pessoas e relações. Em relação a nossos

dados, podemos ainda cruzar o resultado, ou seja, o considerável percentual de crianças batizadas nos seus primeiros meses de vida, com o fato de que tratamos de uma região territorialmente extensa para uma só capela atender, o que poderia sinalizar o retardamento do batismo, o que não é o caso aqui. O território abarcado que a capela de Alegrete era encarregada de atender era grande, principalmente se levarmos em consideração as dificuldades de locomoção que tínhamos no período. Era uma região ampla, fronteira, de guerras recorrentes, passagens de exércitos, migrações e baixa densidade demográfica. Nesse contexto, esperávamos encontrar um percentual mais baixo de crianças batizadas até o primeiro ano de vida. Porém, se trata de um número, dentro dessas circunstâncias, bastante significativo. Esse número indica a valorização do sacramento pelos pais de diversas origens na região e nos possibilitou a realização de todas as análises realizadas até o presente momento.

### Considerações Finais

O Batismo pode ser considerado um ato importante e precioso na vida da população Rio Grandina na primeira metade do século XIX, como foi possível perceber a partir dos dados demonstrados neste trabalho. A população fronteira tinha apreço e preocupação pela realização do ato do batismo, os quais ocorriam em sua maioria até o primeiro ano de vida da criança, idades avançadas se relacionadas com estudos de outras localidades do Brasil, mas que tem suas peculiaridades em função do deslocamento destas pessoas até a capela, os perigos contidos na viagem, inclusive a morte da criança, que naquela época tinha sua vida mais frágil e sem recursos essenciais comuns atualmente.

A preocupação com a salvação da alma destas crianças pode ter sido um fator que impulsionou para que os batismos em tenra idade fossem realizados com frequência, o que nos compete ainda é procurar saber se batismos realizados em casa eram correntes, se padres saíam a batizar e anotavam batismos esses batismos feitos em casa e batismos realizados na capela em um mesmo livro e se havia alguma relação com pagamento de taxas pecuniárias previstas nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, o que não é tão provável devido às idades serem maiores que em outros locais do Império Brasileiro. Porém, estes são

elementos possíveis para ampliação desta pesquisa e investigação acerca das práticas desses indivíduos, bem como para o embasamento dos dados pesquisados e das análises já feitas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAGAS, Paula Roberta, NADALIN, Sergio Odilon. Para o mundo e para a eternidade: Idade do batismo nas atas paroquiais (Curitiba, séculos XVIII-XIX). Disponível em [http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008\\_972.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_972.pdf) acesso em 10/06/2014 (**XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu-MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008**).

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. **Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825 – 1865)**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

FARINATTI, Luis Augusto Ebling. Construção de séries e micro-análise: notas sobre o tratamento de fontes para a história social. **Anos 90** (UFRGS. Impresso), v. 15, p. 57-72, 2008.

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. A espada e a capela: relações de compadrio dos oficiais de milícia na fronteira meridional do Brasil (1816-1835). **História Unisinos**, v. 16, p. 294-306, 2012.

HAMEISTER, Martha Daisson. **O uso dos registros batismais para o estudo de hierarquias sociais no período de vigência da escravidão**. In: Regina Célia Lima Xavier. (Org.). **Escravidão e Liberdade: Temas, Problemas e Perspectivas de análise**. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2012, v., p. 97-122.

HAMEISTER, Martha. **Para dar calor à nova povoação: estudo sobre estratégias sociais e familiares a partir dos registros batismais da vila do Rio Grande (1738 – 1863)**. Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS – PPGH, 2006 (Tese de Doutorado).

LOTT, Mirian Moura. Registros paroquiais: mudanças e permanências - século XIX. In: II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas, 2006, Dourados - MS. **Anais do II Simpósio Internacional sobre religiões, religiosidades e culturas**. Dourados: Editora UFMS, 2006.

MATHEUS, Marcelo. Santos. Dilatadas Paróquias: senhores e escravos na formação da sociedade luso-brasileira (fronteira sul de São Pedro do Rio Grande, início do século XIX). In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal-RN. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013**.

RIBEIRO. Max Roberto Pereira. **Estratégias indígenas na fronteira meridional: os guaranis missioneiros após a conquista lusitana** (Rio Grande de São Pedro, 1801-1834). Rio Grande do Sul: UFRGS, 2013, (Dissertação de Mestrado)

TRINDADE, Miguel Jacques. **Alegrete do Século XVII ao Século XX**. Porto Alegre: Movimento, 1985. v. 1.